



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA
ÁREA DE LINGUAGENS E CÓDIGOS
ORIENTADORA: MSC. ELISSANDRA BARROS

A Formação do Grau no Kheuól falado pelos Galibi-Marworno

Jaciara Santos da Silva¹

RESUMO: Este trabalho foi apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Educação Superior Indígena, como requisito para a conclusão do curso. Ele é o resultado de minha pesquisa e tem o objetivo de mostrar a forma como é realizado o grau no Kheuól falado pelos Galibi-Marworno. Partimos do que já havia sido dito sobre a língua e, através da pesquisa de campo, pudemos constatar outras formas de realização do grau, que são apresentadas e discutidas aqui.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística – Línguas Indígenas – Kheuól – Grau

ESPLIKASIÕ KUT: Sa thavai-la phuezãte la “*Curso de Licenciatura Plena em Educação Superior Indígena*”, li sa fui dji mo thavai i li ka mōthe kumã no mem ědjě Galibi-Marworno ka koze fom gho i pitxi lãdã no Lang kheuól. Mo kumase dji ki deha te gãie ekhi i dji thavai ki mo fe kote ghamun-iela. Ębe ke sa thavai ki mo fe kote ghamun-iela, mo ue ki gãie uat pahol ki ka ĩdjike mem fom dji gho i pitxi “*augmentativo e diminutivo*” ki ka phuezãte isila.

PAHOL-XAV: Lingüística - Lang ědjě - Kheuól - Ghe

¹ Indígena da etnia Galibi-Marworno, concluinte do Curso de Licenciatura Plena em Educação Escolar Indígena – Área de Linguagens e Códigos – da Universidade Federal do Amapá. Docente do Sistema Modular de Ensino Indígena (SOMEI), atualmente atuando na aldeia Kumarumã.

1. Sobre o povo Galibi-Marworno

Os Galibi-Marworno foram constituídos a partir de remanescentes de várias etnias indígenas, principalmente Maraone e Aruã. Os primeiros são citados por viajantes na região do Oiapoque desde o século XVII, e os segundos oriundos da ilha do Marajó, migraram no século XIII em fuga das perseguições dos portugueses. Segundo relatou Rosa Macial dos Santos (95 anos, Galibi-Marworno), em conversa pessoal transcrita, em 1925 os Galibi-Marworno viviam em pequenas ilhas no alto rio Uaçá. Eram divididos por clãs, cada clã habitava em uma ilha separada e foram denominados pelos não índios como *Uaçauara*, depois ficaram conhecidos como índios do Uaçá e eram de grande família.

A senhora Rosa Macial conta ainda que muitas pessoas, principalmente homens, vinham fugidas de suas cidades por causa da guerra da Cabanagem. Estas pessoas vinham de Vigia, do Marajó, etc. Chegando aqui elas se casavam com as índias Galibi-Marworno e passavam a viver o mais longe que podiam. Nessa época as casas eram todas feitas de palha, pois os indígenas costumavam habitar um local somente enquanto havia terra fértil para plantar e colher os seus alimentos, depois de anos mudavam de ilha a procura de novas terras para cultivarem outras roças para a família.

De acordo com Rosa Macial, nesse período os Galibi-Marworno ainda não sabiam fazer a farinha de mandioca, fabricavam uma espécie de beiju, feito da massa de mandioca, chamado na época "*gara-gara*" [*gara-gara*] e que servia como complemento da caça, cozido com bastante água. A senhora Rosa Macial ressalta que naquela época, quando nascia uma criança, a data de nascimento era registrada na memória dos pais através das épocas do ano significativas para a etnia, como "*sezõ uaha*", época do tucumã. Isso tudo na língua Galibi, que naquele tempo ainda era falada. Foi quando os jesuítas franceses chegaram na região do Uaçá dizendo que iam civilizar os indígenas, ensinando-os a rezar e fazendo-os deixar sua crença de acreditar nos seus deuses para seguir uma nova religião.

A partir daí os indígenas começaram a aprender a falar o crioulo, através das rezas e dos cânticos, aprenderam também rezas em latim, as ladainhas principalmente. Nessa época começaram as festas religiosas, que até então não

havia na região, era somente a festa tradicional, o Turé. Segundo Maria Mosiana Nunes dos Santos (92 anos, Galibi Marworno), as festas eram realizadas em uma das ilhas, chamada *Suraimõ*, os instrumentos musicais eram todos tradicionais. Maria Mosiana disse que quando ela se entendeu como pessoa os pais dela falavam o patuá muito diferente do que estão falando agora.

A educação escolar deu-se início em uma das pequenas ilhas, chamada “pós”, no alto rio Uaçá, com o primeiro professor, Abelardo, e sua esposa Melanim. Maria Mosiana conta que tinha 6 anos e sua irmã 7 anos, seus pais as levavam para estudar de uma ilha para outra durante dois meses, foi quando houve um acidente com a espingarda do professor. Um índio, por não conhecer a espingarda, puxou o gatilho na direção de um dos parentes, matando-o. Então o professor foi expulso do território Uaçá e nunca mais voltou. Depois disso passou aproximadamente uns cinco anos, até que em 1930 foi implantada a primeira escola na aldeia Kumarumã.

2. A língua

Na época da guerra da Cabanagem houve muita migração de não-indígenas e indígenas de outras etnias, principalmente os Palikur e Karipuna, além dos crioulos que vieram da Guiana Francesa e se refugiaram nas terras Indígenas do Uaçá. Esses crioulos se misturaram aos indígenas e para se entender adaptaram um dialeto, em que cada um falava um pouco da sua própria língua materna, isso foi a mudança sofrida pela língua dos Galibi. Essa língua não tem tronco lingüístico, apenas família, que é a família Carib. Maria Mosiana disse que os pais dela falavam o patuá muito diferente do que nós estamos falando agora, o ritmo era mais lento e havia muitos erres nas palavras. Recentemente falei com a esposa de um antigo morador que ainda falava desse jeito.

Muitas palavras eram pronunciadas nessa época de forma diferente do que é hoje, [taka'ka] (caldo de jambu e goma de mandioca) era [tara'ra]; [bohi'si] (para cá) era [buri'ji]; [asi isi'la] (senta aqui) era [ji'ji'ra]. Com o contato de outros povos e as relações na fronteira com a Guiana Francesa o Galibi foi se perdendo e os indígenas adotaram o patuá. Maria Mosiana lembra que a avó dela ainda falava a língua Galibi,

mas ninguém falava com ela na língua. Então foi assim que a língua original dos Galibi-Marworno foi entrando em extinção.

Como já disse anteriormente, hoje a língua materna dos Galibi-Marworno é o Kheuól, também falado pelos Karipuna. Os indígenas do Uaçá tem um grande contato com a cidade de Oiapoque e *Saint Georgs*, na Guiana Francesa. O contato com o português e o francês, respectivamente, falado nessas localidades, influencia bastante na fala dos povos indígenas da região. São introduzidas na língua muitas palavras referentes a objetos que não são próprios da cultura, como computador, televisão, freezer, geladeira etc. Para se referir a esses objetos os falantes do Kheuól utilizam o português e/ou francês, pois não há correspondentes em sua língua, o que enfraquece a utilização do Kheuól nas comunidades indígenas, principalmente pelos mais jovens.

É inegável a importância da língua para um povo indígena e foi sabendo disso que alguns linguistas que passaram pela região do Uaçá na década de 80 escreveram a ortografia Kheuól. Nessa década o estudo da variação do crioulo francês começou a ser realizado entre os Galibi-Marworno e Karipuna por Francisca Picanço Montejo, linguista do CIMI, que contou com a assessoria dos linguistas Ruth Montserrat (UFRJ) e Marcio Silva (UNICAMP). Estes, com ajuda de algumas lideranças indígenas produziram uma grafia do crioulo Galibi-Marworno e Karipuna e sistematizaram a sua gramática, intitulada *Gramática Kheuól* (1984). Na mesma época foi coletado um vocabulário de Kheuól pelo *Summer Institute of Linguistics* (SIL) que resultou no *Dicionário Creuól*, publicado em 1987 pelo SIL, que também publicou a gramática intitulada *The Grammar of Karipuna Creole* (1983). Atualmente há alguns livros didáticos produzidos na língua Kheuól pelos professores indígenas com a assessoria do CIMI. A língua Kheuól continua sendo estudada por outros pesquisadores, entre eles os próprios indígenas Galibi-Marworno e os Karipunas.

3. Objetivos do trabalho e metodologia de pesquisa

O presente trabalho tem por objetivo aprofundar os conhecimentos sobre a *Formação do Grau no Kheuól falado pelos Galibi-Marworno* e ele é fruto do anseio que sinto em pesquisar com as pessoas mais idosas da comunidade de Kumarumã, e assim conhecer melhor o Kheuól falado pelos mais antigos.

Para a realização desse trabalho, inicialmente apresentei a minha proposta de pesquisa para a comunidade, ressaltando sua importância para a educação escolar e também para minha formação enquanto professor-pesquisador de nossa língua. Após a apresentação e aceitação da comunidade parti para o campo de pesquisa. Entrevistei 09 pessoas entre os mais idosos de minha aldeia. Ao todo trabalhei com 02 homens e 07 mulheres na faixa etária de 64 à 95 anos, todos Galibi-Marworno, filhos de indígenas Galibi-Marworno. Dias sim, dias não, passava 03:00 horas de tempo pesquisando sobre o tema em discussão, nos dias em que não ia fazer coletas de dados ficava em casa escrevendo.

Comecei minha pesquisa perguntando a meus informantes: como vocês falavam quando eram crianças? Como seus pais falavam o patuá? Vocês falam como seus pais ou houve diferenças? Fiz isso para descobrir o perfil dos meus entrevistados e também para deixá-los mais a vontade até chegar o exato momento das perguntas do meu trabalho, sobre aumentativo e diminutivo das palavras em Kheuól. Perguntei sempre em relação aos nomes, como cachorro, por exemplo, e eles me diziam o aumentativo e o diminutivo. As perguntas eram sempre feitas em Kheuól e eles respondiam na mesma língua. Com as respostas dos informantes fui elaborando uma tabela e separando as formas de aumentativo e diminutivo possíveis na língua. Na tabela constava o nome da pessoa entrevistada, a idade e a etnia. Mais embaixo as palavras normais, seguidas do aumentativo e do diminutivo em patuá. Com a tabela pronta pude analisar como se dá o grau na língua e comparar com aquilo que é dito na *Gramática Kheuól* (1984). Os resultados e discussões deste trabalho são apresentados no tópico a seguir.

4. Análise dos dados e discussão dos resultados

O grau é a flexão do substantivo, do adjetivo, do advérbio qualificativo (de modo) e, com menos frequência, do verbo. No substantivo indica variação de grandeza ou afetividade, no adjetivo e no advérbio indica intensidade (Dubois, 2006, pág. 319). A *Gramática Kheuól* (1984) apresenta alguns dados sobre o grau aumentativo e diminutivo na língua. A seguir apresentaremos esses dados, discutindo-os, de acordo com o que pudemos observar em nossa pesquisa.

4.1. A formação do diminutivo e do aumentativo na *Gramática Kheuól* (1984): discussões

Em geral, forma-se o diminutivo dos substantivos acrescentando-se o prefixo *txi-* aos substantivos (CIMI, 1984, pág. 09), conforme dados retirados da Gramática Kheuól e transcritos a seguir:

Tabela 1: Formação do diminutivo com o prefixo *txi-*

Forma básica	Kheuól	Diminutivo
Eva	<i>Ev</i>	<i>txiev</i>
galinha	<i>pul</i>	<i>txipul</i>
pinto	<i>puasõ</i>	<i>txipuasõ</i>

Os afixos são formas presas, com significado, que se unem a raiz ou radical para formar palavras. Se vierem antes do radical e/ou raiz, recebem o nome de prefixo, se ocorrerem depois são chamados de sufixos. Em algumas línguas eles também podem ocorrer dentro da raiz, recebendo o nome de infixos. Em Kheuól temos o *txi-*, que é um prefixo que indica um grau menor do que o normal, ou pequeno. Em minha pesquisa também coletei exemplos da utilização de *txi-* como diminutivo. Tais exemplos são apresentados na tabela 2.

Tabela 2: Exemplos coletados da utilização do prefixo *txi-* como diminutivo

Forma básica	Kheuól	Diminutivo
jacaré	<i>kaimã</i>	<i>txikaimã</i>
pirarucu	<i>txuhi</i>	<i>txitxuhi</i>
sapo	<i>khapo</i>	<i>txikhapo</i>
veado	<i>bix</i>	<i>txibix</i>
macaxeira	<i>khamãiók</i>	<i>txikhamãiók</i>

Na *Gramática Kheuól* (pág. 09), ressalta-se que em alguns casos o *txi-* foi incorporado como parte da raiz, o que pode ser constatado nas palavras criança e passarinho, respectivamente, “*tximun*” e “*txizozo*”, que carregam o traço semântico “*ser pequeno*”. Já o grau aumentativo é formado através dos adjetivos *gho* e *ghã*, que expressam tamanho e qualidade, nessa ordem. Os exemplos a seguir também foram retirados do CIMI (1984, pág. 09).

Tabela 3: Formação do aumentativo com os adjetivos *gho* e *ghã*

Forma básica	Kheuól	Aumentativo
casa	<i>kaz</i>	<i>gho kaz</i> “ <i>casa grande</i> ”
mulher	<i>fam</i>	<i>gho fam</i> “ <i>mulher grande</i> ”
casa	<i>kaz</i>	<i>ghã kaz</i> “ <i>grande casa</i> ”
mulher	<i>fam</i>	<i>ghã fam</i> “ <i>grande mulher</i> ”
irmão	<i>fue</i>	<i>ghã fue</i> “ <i>irmão mais velho</i> ”

Em algumas palavras, como *ghãpapa* “*vovô*” e *ghãmun* “*senhor*”, o adjetivo é unido à raiz e forma uma palavra composta (CIMI, 1984, pág. 09). Nesses casos, ao se retirar a forma “*ghã*” das palavras teríamos *papa* “*papai*” e *mun* “*pessoa, gente*”, que não carregam o mesmo significado obtido com a incorporação do adjetivo “*ghã*” à raiz.

Durante a coleta e análise dos meus dados observei que para fazer o diminutivo meus informantes utilizavam, além das formas já mencionadas, a forma *dei* para palavras diminutivas no singular e *hěi*, para palavras diminutivas no plural.

Tabela 4: Utilização das formas *dei* e *hěi*

Forma básica	Singular	Diminutivo Singular	Plural	Diminutivo Plural
ingá	<i>pasokhe</i>	<i>pasokhe dei</i>	<i>pasokhe-iela</i>	<i>pasokhe hěi</i>
unha	<i>zong</i>	<i>zong dei</i>	<i>zong-iela</i>	<i>zong hěi</i>
tampa de panela	<i>kuvetu</i>	<i>kuvetu dei</i>	<i>kuvetu-iela</i>	<i>kuvetu hěi</i>
pacará	<i>paghá</i>	<i>paghá dei</i>	<i>paghá-iela</i>	<i>paghá hěi</i>
caracol	<i>koklix</i>	<i>koklix dei</i>	<i>koklix-iela</i>	<i>koklix hěi</i>
cabaça	<i>kalbas</i>	<i>kalbas dei</i>	<i>kalbas-iela</i>	<i>kalbas hěi</i>

As formas *dei* e *hěi* também podem ser usadas como complemento do prefixo *txi-*, intensificando-o, como nos exemplos:

(a) *txikoklix* “caracol pequeno”

txikalbas “cabaça pequena”

txipagha “pacará pequeno”

(b) *txikoklix dei* “caracol pequenininho”

txikalbas dei “cabaça pequenininha”

txipgha dei “pacará pequenininho”

Além do prefixo *txi-* e das formas *dei* e *hěi* ainda temos a palavra *pipitxi*, que significa pequenininho (*pi*= mais, *pitxi*= pequeno). Nos exemplos temos a formação do diminutivo com o prefixo *txi-* e a forma *pipitxi* complementando as formas *dei* (c) e *hěi* (d - e).

(c) *pipitxi koklix dei* “caracol pequenininho”

pipitxi kalbas dei “cabaça pequenininha”

pipitxi pagha dei “pacará pequenininho”

No caso do diminutivo plural substitui-se, normalmente, *dei* por *hěi*, como em (d) e (e):

(d) *Txikoklix hěi* “caracóis pequenininhos”

Txikalbas hěi “cabaças pequenininhas”

txipagha hěi “pacarás pequenininhos”

(e) *Pipitxi koklix hěi* “caracóis pequenininhos”

Pipitxi kalbas hěi “cabaças pequenininhas”

Pipitxi pagha hěi “pacarás pequenininhos”

Para formar o aumentativo meus informantes, além de utilizarem as formas *gho* e *ghă*, já descritas na *Gramática Kheuól* (1984, pág. 09), também utilizaram as formas *păi*, *hădji*, *apapitxi*, *apapitxpitxi*, *ghogho* e *ghăghă*. Abaixo apresento exemplos da utilização de *păi* e *hădji* para a formação do aumentativo na língua:

Tabela 5: Exemplos coletados da utilização do sufixo *păi* e *hădji* como aumentativo

Forma básica	Singular	Aumentativo Singular	Plural	Aumentativo Plural
canoa	kanũ	kanũ pai	kanũ-iela	kanũ hădji
remo	pagai	pagai pai	pagai-iela	pagai hădli
cesto	păiě	păiě pai	păiě-iela	păiě hădji
peneira	manahe	manahe pai	manahe-iela	manahe hădji

paneiro	krukru	krukru pai	krukru-iela	krukru hadji
roça	batxi	batxi pai	batxi-iela	batxi hãdji
terreno	tehẽ	tehẽ pai	tehẽ-iela	tehẽ hãdji

As formas *pã* e *hãdji* também podem ser usadas como complemento dos adjetivos *gho* e *ghã*, intensificando-os. Em (g) temos exemplos da utilização de *pã*:

- (f) *Gho kanũ* “canoa grande” (g) *Gho kanũ pã* “canoa muito grande”
- Gho pagai* “remo grande” *Gho pagai pã* “remo muito grande”
- Ghã batxi* “roça grande” *Ghã batxi pã* “roça muito grande”
- Ghã tehẽ* “terreno grande” *Ghã tehẽ pã* “terreno muito grande”

Para passar os exemplos em (f) para o plural é preciso duplicar os adjetivos *gho* e *ghã*, como em (h).

- (h) *Ghogho pã* “cestos grandes”
- Ghogho pagai* “remos grandes”
- Ghãghã batxi* “roças grandes”
- Ghãghã tehẽ* “terrenos grandes”

Na transformação dos exemplos em (g) para o plural devemos duplicar as formas *gho* e *ghã*, como em (h), e substituir o adjetivo *pã*, que é utilizado somente no singular, por *hãdji*, como mostram os exemplos em (i):

- (i) *Ghogho pã hãdji* “cestos muito grandes”
- Ghogho pagai hãdji* “remos muito grandes”

Ghãghã batxi hãdji “roças muito grandes”

Ghãghã tehẽ hãdji “terrenos muito grandes”

Ainda existem na fala dos Galibi-Marworno mais duas formas de fazer o aumentativo, que são usadas freqüentemente por todos os moradores de Kumarumã: *apapitxi* é usada no singular e *apapitxipitxi* no plural. Tanto *apapitxi* quanto *apapitxipitxi* referem-se a tamanho, mas a idéia estaria mais aproximada do significado “*enorme*” do português.

Tabela 6: Exemplos da utilização dos aumentativos *apapitxi* e *apapitxipitxi*.

Forma Básica	Singular	Aumentativo Singular	Plural	Aumentativo Plural
mulher	<i>fam</i>	<i>apapitxi fam</i>	<i>fam-iela</i>	<i>apapitxipitxi fam</i>
cara	<i>iam</i>	<i>apapitxi iam</i>	<i>iam-iela</i>	<i>apapitxipitxi iam</i>
bicho	<i>bet</i>	<i>apapitxi bet</i>	<i>bet-iela</i>	<i>apapitxipitxi bet</i>
mosca	<i>mux</i>	<i>apapitxi mux</i>	<i>mux-iela</i>	<i>apapitxipitxi mux</i>
fogo	<i>djife</i>	<i>apapitxi djife</i>	<i>djife-iela</i>	<i>apapitxipitxi djife</i>

Na minha aldeia praticamente todas as pessoas e, principalmente, os mais antigos, usam todas as formas de aumentativos em uma só frase, como nos exemplos abaixo:

(j) Frases aumentativas no singular.

Apapitxi gho pie pãi. “pé muito, muito grande” ou “pé enorme”

Apapitxi gho puasõ pãi “peixe muito, muito grande” ou “peixe enorme”

Apapitxi gho hóx pãi “pedra muito, muito grande” ou “pedra enorme”

(k) Frases aumentativas no plural

Apapitxipitxi ghogho pie hãdji “pés muito, muito grandes” ou “pés enormes”

Apapitxipitxi ghogho puasõ hãdji “peixes muito, muito grandes” ou “peixes enormes”

Apapitxipitxi ghogho hóx hãdji “pedras muito, muito grandes” ou “pedras enormes”

Essas são as formas de se falar o grau aumentativo e o diminutivo na língua Kheuól falada pelos Galibi-Marworno da comunidade de Kumarumã. Para sintetizar tudo o que foi dito anteriormente, apresento as tabelas (7) e (8), que tratam sobre o diminutivo e o aumentativo, respectivamente.

Tabela 7: Resumo das formas de diminutivo em Kheuól

Diminutivo Singular			
	<i>kaz 'casa'</i>	<i>uom 'homem'</i>	<i>platxin 'forno'</i>
<i>txi-</i>	txikaz	txiuom	txiplatxin
<i>dei</i>	kaz dei	uom dei	platxin dei
<i>txi- ... dei</i>	txikaz dei	txiuom dei	txiplatxin dei
<i>pipitxi</i>	pipitxi kaz	pipitxi uom	pipitxi platxin
<i>pipitxi...dei</i>	pipitxi kaz dei	pipitxi uom dei	pipitxi platxin dei

Diminutivo Plural			
	<i>kaz 'casa'</i>	<i>uom 'homem'</i>	<i>platxin 'forno'</i>
<i>hěi</i>	kaz hěi	uom hěi	platxin hěi
<i>txi-...hěi</i>	txi kaz hěi	txiuom hěi	txiplatxin hěi
<i>pipitxi ... hěi</i>	pipitxi kaz hěi	pipitxi uom hěi	pipitxi platxin hěi

Tabela 8: Resumo das formas de aumentativo em Kheuól

Aumentativo Singular			
	<i>kaz 'casa'</i>	<i>uom 'homem'</i>	<i>platxin 'forno'</i>
<i>gho</i>	gho kaz	gho uom	gho platxin
<i>ghã</i>	ghã kaz	ghã uom	ghã platxin
<i>pãi</i>	kaz pãi	uom pãi	platxin pãi
<i>gho ... pãi</i>	gho kaz pãi	gho uom pãi	gho platxin pãi
<i>ghã ... pãi</i>	ghã kaz pãi	ghã uom pãi	ghã platxin pãi
<i>apapitxi</i>	apapitxi kaz	apapitxi uom	apapitxi platxin

Aumentativo Plural			
	<i>kaz 'casa'</i>	<i>uom 'homem'</i>	<i>platxin 'forno'</i>
<i>ghogho</i>	ghogho kaz	ghogho uom	ghogho platxin
<i>ghãghã</i>	ghãghã kaz	ghãghã uom	ghãghã platxin
<i>hãdji</i>	kaz hãdji	uom hãdji	platxin hãdji
<i>ghogho ... hãdji</i>	ghogho kaz hãdji	ghogho uom hãdji	ghogho platxin hãdji
<i>ghãghã ... hãdji</i>	ghãghã kaz hãdji	ghãghã uom hãdji	ghãghã platxin hãdji
<i>apapitxipitxi</i>	apapitxipitxi kaz	apapitxipitxi uom	apapitxipitxi platxin
<i>apapitxipitxi + ghogho ...hãdji</i>	apapitxipitxi ghogho kaz hãdji	apapitxipitxi ghogho uom hãdji	apapitxipitxi ghogho platxin hãdji

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve enfoque em um aspecto específico da gramática Kheuól: o grau aumentativo e diminutivo. As informações coletadas com meus informantes foram imprescindíveis para uma reflexão mais aprofundada sobre a língua. Acredito que as formas de realização do grau aqui apresentadas contribuam para um melhor entendimento sobre a realização desse fenômeno lingüístico e possam ser utilizadas nas escolas indígenas Karipuna e Galibi-Marworno como subsídio para as aulas de língua materna. Este é apenas um trabalho inicial e outros aspectos relativos a essa temática ainda precisam ser abordados, mas deixo aqui minha contribuição para o estudo da língua. Há ainda muito trabalho a ser feito em relação aos elementos da gramática Kheuól e também em relação à própria língua Kheuól, falada por nós indígenas Galibi-Marworno e Karipuna. Espero ter contribuindo dando mais um passo nesse longo caminho!

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIMI. *Gramática Kheuól*. Belém – Pa, CIMI Norte II, 1984.

DUBOIS, J. et alii. *Dicionário de Linguística*. São Paulo, Cultrix, 2006.

GREEN, Diana; GREEN, Harold. *Vocabulário Português – Palikur – Kheuol*, Belém-PA, SIL, 2004.

TOBLER, S. JOY. *The Grammar of Karipuna Creole*. SIL, 1983.